PADRONIZAÇÃO DA PROVA "TSEDEK" DE BARUK *

NURIA CORTADA
e
OLÍMPIA ROMERO VILLANUEVA

"Quando a felicidade egoísta é o único fim da vida, a vida já não tem sentido"...

ROMAIN ROLLAND

No presente trabalho nos propomos estabelecer a padronização, em Buenos Aires, para a prova de juízo moral, chamada "Tsedek". Esta prova, descrita por Baruk, consiste em uma série de situações com as quais se devem defrontar os indivíduos, dando um juízo "valorativo". Segundo êste, — seja positivo ou negativo, — Baruk estabelece um índice de moralidade. As situações são 15, selecionadas pelo autor, entre as diversas que se apresentam na vida real e nas quais tem-se chegado a uma decisão. O examinado deve julgar por si mesmo o fato apresentado e decidir, por sua vez, se o critério tomado está bem ou mal, do ponto de vista moral. Não há no texto das situações, nem nas instruções para a prova, qualquer indício de valorização, positiva ou negativa, em que o examinado possa apoiar-se. As situações são expostas sempre em forma objetiva e neutra, de modo que o examinado fica em plena liberdade de decidir por si mesmo.

A prova "Tsedek" tem sua origem na concepção de Henri Baruk sôbre a crise da Psiquiatria moderna que, segundo êle, só pode ser bem encaminhada se se busca a unidade da vida mental, mediante a síntese. Psiquiatria e Psicologia *sintética*, quer dizer, não uma pura psiquiatria neurológica, fundada nas localizações cerebrais, nem uma psicologia instintiva, ao feitio da psicanálise; tampouco, um dualismo e separação da alma e do corpo, como duas entidades independentes, porém, uma síntese global que "harmonize os mais diversos fatôres, em uma combinação classificada sôbre planos diferentes: os instrumentos de execução, os automatismos motores, os reflexos que formam um plano especial ligado às localizações anátomo-clínicas e através dêste plano, os mecanismos psico-somáticos, quer dizer, aquêles nos quais o pensamento e o movimento estão estreitamente ligados de modo indissolúvel e que regulam a inicia-

* Trabalho apresentado no 1.º Congresso Argentino de readaptação.

tiva espontânea nos processos mais complicados". (3 pág. 6).

Esta concepção não comporta dualidades, nem conceito independente dos instintos e do juízo moral. Assim como, segundo a concepção de Baruk, é arbitrário pretender desintegrar a personalidade humana em elementos isolados, o é também qualquer concepção moral que pretenda fazer diferença entre o bem individual e o bem moral. O ser humano e seu ambiente social formam uma unidade na qual cabe um só critério de valor moral, que é uma lei justa e caritativa (ou seja, humanitária), para melhor dizer. Isto foi o que o psiquiatra francês classificou com a palavra hebraica "Tsedek", que parece fundir em um só conceito as duas idéias básicas de caridade e de justiça.

Que dá à personalidade humana a unidade ? Não são, certamente, os automatismos mecânicos, indispensáveis para o funcionamento do sistema nervoso, nem a atividade reflexa, ou a mais elaborada qualidade pensante; porém, sem dúvida, suas motivações, seus fins e o sentido, o *"para quê"* das realizações de todos os atos psicológicos. Em poucas palavras, as constantes decisões humanas e o juízo "valorativo" são, essencialmente, o que dá unidade e significação à personalidade humana. Por isto, é necessário estudar quais são os juízos de valor que formula a pessoa, se queremos saber até que ponto está bem integrada sua personalidade, até que ponto se adapta à realidade social e ao meio em que vive. Com êstes fundamentos e baseado em sua experiência clínica com doentes mentais, Baruk criou a prova "Tsedek" que, pela primeira vez, focaliza, empìricamente, o problema tão debatido em *aprioris* filosóficos, da consciência moral.

Prosseguindo, damos a tradução das 15 situações da prova, tal como foi utilizada por nós:

1) Em um quartel praticaram um roubo. Não foi possível descobrir-se o culpado. O chefe decide castigar 1 soldado de cada 10. Que pensa você desta decisão?

2) Em uma oficina pública praticaram uma falta grave. Há uma suspeita vaga, em relação a uma pessoa, mas não se têm provas suficientes. Contudo, submeteram a mesma a graves sanções, sob o pretexto de que era necessário dar um exemplo. Que pensa você desta decisão?

3) Um jovem deseja vivamente um emprêgo que está ocupado por outro; molesta-o a tal ponto que êste abandona o pôsto que ocupava. Que pensa você desta conduta?

4) Dois candidatos estão em luta para as eleições e fazem valer seus méritos. Um dêles levanta calúnias sôbre a vida pessoal do seu adversário, pensando que é necessário vencê-lo por todos os meios. Que pensa você desta atitude?

5) Um capitão se dá conta de que seu coronel, autoridade a que está subordinado, comete faltas em seu serviço. Sem falar com êle, vai e apresenta denúncia ao general. Que pensa você desta atitude ?

6) Uma jovem enfêrma e débil utiliza, durante uma época de restrição, uma estufa elétrica para se aquecer, estando proibido o uso de eletricidade. A doente é acusada de roubo e conduzida à prisão. Você acha justa esta sanção?

7) Um homem se enteira de que um de seus inimigos sofreu um acidente e não foi socorrido. Nega-se a levar-lhe o auxílio necessário, alegando que quer vingar-se. Que pensa você desta atitude?

8) Em um hospital instalam-se duas seções diferentes: uma para doentes recuperáveis e outra para doentes incuráveis. Concedem-se tôdas as comodidades e franquias para os primeiros e se descuidam inteiramente dos segundos. Que pensa você desta concepção?

9) Um jovem acha-se em boa situação. Tem sua mãe que, ficando sòzinha e sentindo-se abandonada, caiu em uma falta moral pela qual é denunciada e condenada. O jovem nega-se a ir vê-la e se desinteressa por ela, sob o pretexto de que é culpada. Que pensa você desta atitude?

10) Em uma escola um garôto pouco desenvolvido fìsicamente não sabe defender-se de outros que o subestimam e o submetem a ouvir pilhérias pesadas. Os que quiseram ajudá-lo, não o fizeram, com mêdo de incorrer no mesmo risco. Que pensa você dêstes últimos?

11) Uma assistente social, muito dedicada a seu trabalho, consagra-se às suas entrevistas sem medir o tempo. O regulamento da instituição para o qual ela trabalha estabelece que todos os empregados devem assinar, no livro, a hora da entrada e da saída. A assistente social, apesar de dedicar mais tempo do que é estabelecido, freqüentemente se esquece de assinar a saída. O diretor a suspende sob a alegação de que ela não cumpriu o regulamento. Que pensa você dêste diretor?

12) Um professor apresenta todos os anos alguns alunos para prestar exame. Deve dar as notas de seu trabalho. Recomenda da mesma maneira os bons e os maus alunos e dá notas elogiosas a todos, para que a escola goze de boa reputação. Que pensa você dêste modo de agir?

13) Tendo sido reduzida a alimentação por certas circunstâncias, procede-se ao racionamento do seguinte modo: as pessoas que produzem e trabalham recebem uma farta ração; enquanto os velhos (que já não podem trabalhar) recebem uma porção diminuta. Que pensa você desta concepção?

14) Um comerciante tem uma quantidade limitada de mercadorias. Estas mercadorias são reservadas para os clientes mais ricos e mais poderosos que podem fazer intercâmbio com outros serviços e mercadorias e as nega sistemàticamente aos demais. Que pensa você disto?

15) Durante um período de racionamento, decide-se reservar menor porção para os nativos do país (por exemplo Argentina) e uma porção menor para os estrangeiros. Que pensa você disto?

Nosso interêsse consistia essencialmente em ver os resultados que obteríamos com a prova de "Tsedek" em nosso país para que ela pudesse mais adiante ser devidamente utilizada. Comparar os resultados obtidos aqui com os alcançados na França e comprovar algumas hipóteses de trabalho que expomos à medida que avançamos.

Os autores franceses estabelecem, em seu manual, que os juízos "valorativos" podiam ser classificados em 6 grupos, que finalmente se reduzem a 5.

1) *O juízo moral afetivo,* o juízo do coração, que consiste em indignar-se instantâneamente pela solução inumana dada ao problema. O juízo sentimental e humanitário que não permite que nenhuma razão esteja acima do valor da vida humana.

2) *O juízo injusto* é o mais imoral. Consiste em burlar ou depreciar o valor humano, a pessoa sacrificada, e tem por base de raciocínio um egoísmo pessoal, escarnecendo da justiça e da humanidade, o que implica num conceito cínico da vida.

3) *O juízo do utilitarismo social,* que é também um juízo injusto, porém, em vez de salientar o egoísmo pessoal, considera que a pessoa humana é um valor inferior à sociedade, e, portanto, algumas vêzes, é lógico que seja sacrificada em benefício da sociedade. É o raciocínio que defendem tôdas as concepções de totalitarismo político e que consideram que o fim justifica o meio, não obstante a destruição da pessoa humana.

4) *A comprovação do fato* é um juízo também imoral, freqüentemente evidenciado nos indivíduos de caráter débil. Nunca se atrevem a julgar ou se limitam sempre a fugir à responsabilidade. Consiste em aceitar os fatos ainda que sejam injustos, argumentando que sempre houve injustiças e, daí, ser um fato comum.

5) *O duplo juízo* é outra forma de julgar, no qual o sujeito não é suficientemente esclarecido para decidir, entre os argumentos contrários, qual é o melhor, sob o ponto de vista ético. Êle dá várias razões, porém não pode chegar a uma conclusão justa. Implica também em imoralidade, por aceitar diversas condutas morais: para comerciantes ou não-comerciantes, para civis ou militares, para religiosos ou não-religiosos, para nativos ou estrangeiros, etc. Considera que diferenças superficiais como: profissão, nacionalidade, credo, raça, côr, capacidade intelectual, etc. tenham mais importância do que o fato essencial de ser pessoa humana.

6) Finalmente, êste é o melhor tipo de juízo moral, segundo Baruk.

O juízo moral sintético, no qual o indivíduo argumenta com uma série de razões, de raciocínios, e chega à conclusão, simultâneamente, do que tem valor prático para a conduta com todos os seus semelhantes, bem como valor ético e humano. Combina vários fatôres, satisfazendo as exigências individuais e sociais, as aspirações morais e as necessidades comuns. Demonstra como o coração e a inteligência podem, unidos, convergir numa unidade sintética, dando um sentido pleno à conduta humana, sem ambivalências.

Finalmente, a valorização dos juízos dos tipos 1 e 6 pode unir-se e considerá-los igualmente morais. O argumento moral afetivo pertence geralmente a gente mais simples, menos culta e mais espontânea; enquanto o sintético requer uma melhor elaboração.

Consideramos que seria muito útil para cada situação ter alguns exemplos de juízo em cada um dos tipos mencionados, obtidos dos protocolos de nossa experiência. Êste trabalho facilitará, como uma espécie de manual da prova, a tarefa de outros psicólogos que queiram trabalhar nas investigações ou na clínica com a prova "Tsedek". Os exemplos dados no ma-

nual francês são pouco explicativos e não sistemáticos; também não são de maior utilidade em nosso país.

SITUAÇÃO 1

(Castigar um de cada dez soldados porque praticaram um roubo e se ignora o culpado.)

1 — *Juízos morais*

"O chefe é um bruto". (Afetivo)
"É uma barbaridade". (A.)
"É injusto. É preferível que o culpado fique impune, contanto que o inocente não seja castigado". (Sintético)
"É errado. Admitindo que, no melhor dos casos, o culpado estava entre os castigados; — e os outros?" (Sintético)

2 — *Juízos injustos*

"Está bem. Porque, uma vez encontrando-se o culpado, temos que castigá-lo".
"Bem. Para ver se o encontram e o denunciam".

3 — *Juízos utilitários*

"A decisão é acertada, porque o culpado, vendo tantas pessoas punidas, talvez se arrependa e confesse".
"Bem. Sendo um punido, o culpado pode denunciar-se".

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"Uma boa medida de disciplina, porque o militar deve aplicar o regime militar".

5 — *Duplo juízo*

"Está mal. Deve-se castigar a todos ou a ninguém".
"Se eu fôsse o chefe, faria o mesmo, por disciplina. Como espectador civil, não estou de acôrdo".

SITUAÇÃO 2

(Castigar, por mera suspeita, um empregado.)

1 — *Juízos morais*

"Está mal. É uma injustiça". (Afetivo)
"É injusto. Não se deve castigar ninguém sem que se constate plenamente sua culpabilidade". (Sintético)
"Mal, mal. Não se pode sancionar nem castigar sem provas". (Sintético).

2 — *Juízos injustos*

"Está bem, porque a suspeita recaiu sôbre êle".
"Bem feito".

3 — *Juízo utilitário*

"Bem, é necessário fazê-lo para dar exemplo. Boa solução. Dêste modo, evitar-se-ão repetições, ainda que não haja provas concretas".

4 — *Juízo de Comprovação do fato*

"Acontece freqüentemente".

5 — *Duplo juízo*

"A decisão seria justa, se a sanção se efetuasse de modo geral e imediatamente se procedesse, de forma intensa, a investigação da pessoa suspeita.
"Arbitrária, ainda que necessária".

SITUAÇÃO 3

(Um jovem deseja um pôsto e atormenta tanto aquêle que o

ocupa, que êste é forçado a abandonar o cargo.)

1 — *Juízos morais*

"O tipo é um sem-vergonha". (Afetivo)

"Horrível". (Afetivo)

"É uma ação indigna, porque não é direito usurpar o que os outros lograram". (Sintético)

"É vil. Não é direito prejudicar um 3.º, para obter o que se deseja". (Sintético)

2 — *Juízo injusto*

"Está bem. Para que foi sonso e se deixou levar por engodos?"

3 — *Juízo utilitário*

Não encontramos exemplo em nossa experiência.

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"Não devia abandonar".

"Demonstra que possui um espírito enfezado e baixa cultura social. É um predisposto a fracassar no seio da sociedade".

"Mal da época".

5 — *Duplo juízo*

"É claro que o tipo queria o pôsto. Sob o ponto de vista moral, é censurável".

SITUAÇÃO 4

(Um candidato nas eleições usa, como meio de vitória, a calúnia.)

1 — *Juízos morais*

"Conduta indigna". (Afetivo)

"Muito reprovável. A calúnia sempre é maldade". (Afetivo)

"É uma baixeza. O triunfo deve-se buscar honradamente, sob a base de seus próprios méritos e não à custa do desprestígio do seu adversário". (Sintético)

"É uma atitude indigna, pois deve chegar à vitória por méritos próprios, sem acusar os outros". (Sintético)

2 — *Juízos injustos*

"Todos os meios são bons para vencer na guerra e no amor".

"Está bem, porque o adversário faz o mesmo".

3 — *Juízo utilitário*

"Em política, vale tudo".

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"Atitude de baixa política".

"Não tinha que meter-se em política".

5 — *Duplo juízo*

"É uma atitude desleal, porém politicamente eficaz".

SITUAÇÃO 5

(Um capitão acusa o seu chefe de uma falta em serviço, sem antes ter falado com êle.)

1 — *Juízos morais*

"Ação muito baixa" (Afetivo)

"É um servil, um covarde". (Afetivo)

"Deve primeiro falar ao Coronel e procurar que êle se corrija". (Sintético)

"Mas, primeiro deve dar aviso ao Coronel, não tanto por hierarquia..." (Sintético)

2 — *Juízos injustos*

"Está bem. Não é tão tolo para dizer ao Coronel, para que êste lhe exija uma tarefa extra".

"Está bem, porque um Coronel deve dar bom exemplo, portando-se bem".

3 — *Juízo utilitário*

"Se é falta contra a Pátria, está bem. Não é um delator".

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"Cada um deve ter consciência de sua própria responsabilidade e não da alheia".
"Militar".
"Procede de acôrdo com o código moral militar".

5 — *Duplo juízo*

"Em regime militar deve-se proceder assim; no civil, deve-se conversar antes com êle".
"É um leviano, porém, deixando de lado todo sentimentalismo, está bem".

SITUAÇÃO 6

(Uma jovem enfêrma é prêsa por roubo, porque utilizou uma estufa elétrica, estando proibido o uso de eletricidade.)

1 — *Juízos morais*

"Completamente injustificado. Eu teria feito o mesmo que a jovem". (Afetivo)
"Não está justificada. É uma doente. Não é justa a acusação de roubo". (Sintético)
"Injusta, uma vez que era necessário para a sua saúde". (Sintético).

2 — *Juízos injustos*

"Ela fêz mal. Está justificada a sanção, porque não pediu, estando o uso proibido".
"Violou a lei. Censurável".

3 — *Juízo utilitário*

"Infelizmente, a sanção foi bem aplicada. A comunidade está acima do indivíduo".

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"Não devia acusá-la".
"Não podem acusá-la de roubo, apenas de haver violado as restrições".

5 — *Duplo juízo*

"Humanamente, não foi direito. Legalmente, sim".
"É uma sanção exagerada, ainda que não haja dúvidas de que ela cometeu uma infração".

SITUAÇÃO 7

(Um homem não presta ajuda a um inimigo necessitado, alegando que quer vingar-se.)

1 — *Juízos morais*

"Trata-se de um criminoso em potencial" (Afetivo)
"É, sem dúvida, uma atitude reprovável". (Afetivo)
"É uma falta de caridade e um ato indigno, como tôda vingança". (Sintético)
"É uma falta de caridade. Só dá satisfação egoísta e um desejo de vingança". (Sintético)
"Deveria saber retribuir o bem pelo mal". (Sintético)

2 — *Juízos injustos*

"Está bem, sempre que os agravos ferem com certa intensidade".
"Que se desembarace. Eu não o ajudo".

3 — *Juízos utilitários*

"Teria que viver a situação para saber como procederia".

"A vingança não é nobre, porém, às vêzes, é justa".

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"Conhece o próximo".
"Quem faz, paga".

5 — *Duplo juízo*

"Falta de caridade. O melhor seria dar-lhe uma lição, ajudando-o neste momento".

SITUAÇÃO 8

(Em um hospital se instalam 2 seções: uma para doentes curáveis, muito bem atendidos e outra para os incuráveis, com menos franquias.)

1 — *Juízos morais*

"Que coisa inumana". (Afetivo)
"É uma imbecilidade". (Afetivo)
"Muito reprovável. Sòmente em cérebros perturbados, como se observa em certos regimes, podia-se proceder assim". (Afetivo)
"É uma falta contra a justiça e a caridade. Todos têm o mesmo direito de ser atendidos, pôsto que todos têm o mesmo valor como pessoas". (Sintético)
"Mal, sob o ponto de vista médico, humano e social. São nazistas ou comunistas os que tomaram tal atitude?"

2 — *Juízos injustos*

"Devem-se eliminar os incuráveis".
"Bem, porque os outros não têm cura, enquanto os primeiros podem curar-se".
"É inumano, se os doentes da segunda seção, ou seus parentes, advertiram as diferenças. Não é, se o grau maior de atenção se mantém em segrêdo, porque a medicina deve tender a salvar vidas".

3 — *Juízos utilitários*

"Se não existirem meios para atender as duas seções por igual, é preferível cuidar dos que ainda podem ser úteis à sociedade".
"Está bem. Deve-se cuidar dos da primeira seção, para evitar que haja mais incuráveis".

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"Com êste critério, não se chega a nada".
"É uma discriminação fundada em êrro supor, com segurança, que se pode determinar a recuperação de um doente".

5 — *Duplo juízo*

"Do ponto de vista sociológico, o doente incurável já nao interessa à sociedade, porque desaparece dela; porém, de nenhum modo, pode privar-se das comodidades e franquias que contribuiriam para fazer-lhe feliz, na etapa final da vida".

SITUAÇÃO 9

(Um jovem abandona a mãe sob o pretexto de que ela é culpada.)

1 — *Juízos morais*

"O jovem é um sem-vergonha". (Afetivo)
"Que bruto". (Afetivo)
"Falta a êste jovem piedade filial. Seu dever não é julgar sua mãe, porém socorrê-la pessoalmente". (Sintético)

"Muito mal. Mãe sempre é mãe e o filho deve estar sempre ao lado dos pais". (Sintético)

2 — *Juízos injustos*

"E... havia de ver o riso da mãe..."
"É necessário conhecer a falta".

3 — *Juízo utilitário*

Não encontramos em nossos protocolos exemplos de juízos autoritários.

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"Antes de mais nada, êste jovem utiliza um pretexto para não se responsabilizar".
"Dizem que uma mãe pode cuidar de 10 filhos, enquanto 10 filhos não podem cuidar de uma mãe".

5 — *Duplo juízo*

"Em linhas gerais, a atitude do filho é reprovável. Que delito cometeu a mãe? Matou o marido, matou o filho, corrompeu a filha?"

SITUAÇÃO 10

(Os companheiros de um menino débil não o defendem com mêdo da zombaria dos outros.)

1 — *Juízos morais*

"Covarde e falta de caráter". (Afetivo)
"É dever de todo menino, que é fisicamente dotado, ajudar aquêle que não é tão forte". (Sintético)
"São uns covardes. Deve-se defender o mais fraco, ainda que com risco".

2 — *Juízos injustos*

"Quando um garôto não se pode defender só, deve sofrer as conseqüências".
"Deve fazer frente à situação e não esperar nada dos demais".

3 — *Juízo utilitário*

Não houve exemplo nesta situação, em nosso protocolo.

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"É uma atitude muito comum em crianças; a êles não se pode pedir muito, por isso se guiam os meninos".
"É um fato corriqueiro nas crianças".
"As crianças não podem compreender o valor moral que tem em ajudar um companheiro".

5 — *Duplo juízo*

"São covardes, porém são crianças".
"Do ponto de vista humano, é justo. Do ponto de vista moral, é condenável".

SITUAÇÃO 11

(Uma assistente social, que trabalha muito, se esquece de assinar a saída e o diretor a suspende por não cumprir o regulamento.)

1 — *Juízos morais*

"Que é um caturra". (Afetivo)
"O diretor é um canalha. Não se utiliza uma máquina ou um autômato para êste trabalho".
"Coisas da estúpida burocracia, onde é preferível simular o que se faz, a fazê-lo realmente".
"Bobagem completa. Tal diretor só se interessa em cumprir o re-

gulamento. Nada lhe interessa além do regulamento". (Sintético)

"E... assim é como a gente aprende a trabalhar com disciplina; e, os demais, que rebentem. Mal".

2 — *Juízos injustos*

"Proceder de acôrdo com o diretor. Se o regulamento exige a assinatura, a atitude está bem acertada".

"Bem, porque é uma obrigação do trabalho".

"Bem. Se se esquece de assinar, é provável que esqueça outras coisas".

3 — *Juízo utilitário*

"Bem feito. Esta assistente é uma egoísta. Trabalhando mais do que é exigido, prejudica as demais e o diretor pode impor às outras o mesmo trabalho".

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"Deve assinar".

"Faltam-lhe condições para diretor".

5 — *Duplo juízo*

"Ainda que a assistente social demonstre ser desordenada nas suas obrigações, o diretor é demasiado rigoroso e revela ignorar o trabalho de uma assistente social".

SITUAÇÃO 12

(Um professor recomenda igualmente bons e maus alunos para que a sua escola goze de boa fama.)

1 — *Juízos morais*

"É injusto e ineficaz. Os bons não serão estimulados e os maus acharão inútil fazer qualquer esfôrço". (Sintético)

"Falta de ética profissional, irresponsabilidade frente a seus semelhantes. Está mal". (Sintético)

2 — *Juízos injustos*

"Está bem. Êle tem que valorizar a escola".

"Está bem. Como alento".

3 — *Juízo utilitário*

Não encontramos exemplos, em nossa experiência da situação presente.

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"Fomenta a malandragem".

"Que é bastante ladino e fará carreira".

"Busca a sua conveniência".

"Busca harmonizar-se com os pais e não importa a pretensão dos alunos".

5 — *Duplo juízo*

"Consegue a fama da escola, porém prejudica os alunos".

SITUAÇÃO 13

(Por redução de alimento, deixa-se uma ração de fome aos velhos que não trabalham.)

1 — *Juízos morais*

"Quem pensou isto é nazista ou comunista? Nem como médico, nem como homem isto me parece justo". (Afetivo)

"Os velhos devem ser melhor e mais bem aquinhoados que os jovens, pois, êstes, sendo mais fortes, podem suportar mais". (Sintético)

2 — *Juízos injustos*

"E... é claro. Êste mundo é do mais forte. De que vale alimentar e se preocupar com os velhos, se dêles não podemos esperar mais nada?"

"Uma avaliação lógica".

3 — *Juízos utilitários*

"Está bem, porque os velhos não comem muito; e, se os que produzem não se alimentam, então não se produz nada".

"É necessário conhecer o grau de perigo e se a alimentação dos jovens não pode redundar na salvação de todos".

"Está bem, se a medida implica na salvação da maioria, por própria seleção do mais forte".

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"Se é a única solução, parece-me acertada".

"Corresponde a uma tendência natural dos homens, aplicada, às vêzes, em sociedades primitivas".

5 — *Duplo juizo*

"Inumana, porém muito de acôrdo com a época".

SITUAÇÃO 14

(Um negociante, com limitada quantidade de mercadorias, as guarda para os poderosos e as nega aos demais.)

1 — *Juízos morais*

"É um patife". (Afetivo)

"É avareza. Um egoísta". (Afetivo)

"É ágio e especulação". (Sintético)

"É um critério inteiramente materialista e utilitário. O comércio também tem uma função social que deve cumprir". (Sintético)

"Um dos tipos de egoísmo e falta de solidariedade humana". (Sintético)

"A atitude dêste comerciante é a mesma que a de um delinqüente. Deve ter mais coração e menos cálculo". (Afetivo)

2 — *Juízos injustos*

"É um sistema de fazer negócio. Parece-me justo".

"Êste procedimento é a base do comércio. É um resultado lógico e humano".

3 — *Juízo utilitário*

Não encontramos exemplos em nosso protocolo.

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"O comércio é uma coisa importante. Não podem compreendê-lo os credores de testes psicológicos".

"Atua como comerciantes quem quer aumentar suas ganâncias".

"É um homem com sentido cartaginês do comerciante, e não com sentido social".

5 — *Duplo juízo*

"Se fôsse comerciante, talvez o fizesse. Mas, penso que é um procedimento condenável".

SITUAÇÃO 15

(Durante um período de racionamento, dá-se mais alimentação aos nativos que aos estrangeiros.)

1 — *Juízos morais*

"É uma indecência". (Afetivo)

"Vergonho". (Afetivo)

"É injusto. Todos os seres humanos têm os mesmos direitos

aos meios de subsistência". (Sintético)

"Mal. Todos os seres humanos são iguais. Não interessam as raças, nem os credos". (Sintético)

2 — *Juízos injustos*

"A caridade começa por casa".

"Está bem. Êles sempre complicam as coisas".

"É muito humano e se justifica em estado de guerra. A caridade bem entendida, começa de casa".

"Ora, alguma vez há de ganhar o nativo".

3 — *Juízos utilitários*

"Está bem, porque se as circunstâncias o exigem, os nativos têm que defender a Pátria".

"Se as circunstâncias são extremas, creio que não é uma medida condenável. Tôda forma de racionamento, em última análise, é uma variante disto".

4 — *Juízos de comprovação do fato*

"Se todos são iguais ante Deus, condeno esta atitude".

5 — *Duplo juízo*

"Em nosso país, isto é considerado injusto. Em outros países, com as novas teorias, seria lógico".

"Parece-me inverossímil; a não ser que êstes estrangeiros fossem prisioneiros. Aí, bem. Seria lógico".

"Em face da conveniência da Nação, está bem. Do ponto de vista humanitário, está mal".

PROBLEMAS E OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS

A valorização dos protocolos, constantemente, nos apresentava problemas que necessitavam de solução. Por exemplo: Não é suficiente que na resposta figure a palavra "Mal" para valorizar como *moral*. Algumas vêzes acrescentam conceitos que a convertem em *imoral*. Por exemplo: Na resposta seguinte à situação 7. Consideram que é "mal" abandonar o inimigo, porém acrescentam algum conceito significando estar "bem" em outros momentos.

Outra dificuldade, encontra-se naqueles juízos em que há uma comprovação do fato e um juízo "Valorativo" ao mesmo tempo.

Que tem mais importância na conduta do indivíduo?

Por exemplo: Na situação 14, assevera alguém: "Está procedendo de acôrdo com um sistema econômico estabelecido; (até aqui *comprovação do fato*), porém, — segue — é uma conduta inumana e anti-social". Valorizamos como juízo moral, porque parece que na mente do indivíduo pesa mais a valorização ética punitiva, posto que é a última da frase que encerra como conclusão. Porém, em casos como o seguinte: (Situação 7) "Está mal", mas encontrou o momento propício para vingar-se". Supõe o reconhecimento da injustiça e aceitação como um bem útil ao indivíduo, fato que é imoral e egoísta, apesar de ter começado dizendo "está mal".

Êste teste nos revelou, em seu uso, como muito projetivo. A tal ponto que, vários indivíduos, sem maior esfôrço, identificam-se com os personagens da situação que expressaram abertamente sua conduta. É interessante que, em alguns casos, os examinados ressaltam dois planos: o do *conhecimento* do que está "bem" ou do que está "mal"; (inculcado pelas

normas morais da comunidade, pelos convencionalismos automatizados ou impostos pela formação religiosa, como segunda natureza. E, o da *conduta habitual,* muitas vêzes, dissidente.

Por exemplo, na resposta 7, uma pessoa diz: "Está mal. Porém tampouco, eu iria". Além disso, quase sempre que uma situação apresentada havia sido vivida, de alguma forma, pelo examinado, observávamos um choque produzido por aumento de tempo de reação, recusa a contestar ou a seguir a prova, ou, um farto arrazoamento e argumentação defensiva.

O teste de Tsedek revela também, em alto grau, a clareza de discernimento que têm as pessoas. Algumas, por exemplo, deram um juízo moral, através de um raciocínio que não é o autêntico, ou, pelo menos, não é o mais essencial. Por exemplo: a situação 15. "Está mal" porque se se acolhem os estrangeiros, devem ser tratados por igual". Êste raciocínio essencial não é, evidentemente, o fato de que foram acolhidos ou não pelo país, de que trabalhem ou não, apenas, de que são criaturas humanas, tanto quanto os nativos.

Em algumas situações, referentes às crianças (n.º 10) as pessoas têm tendência a dar juízos *imorais* ou de *comprovação do fato,* não por falta de humanitarismo, mas por um sentimentalismo mal compreendido; o de crer que as crianças não são capazes de distinguir o *honesto* e o *desonesto,* ou por crer que se deve ser benévolo ao julgar os meninos. Sem embargo, é notável o fato de que a grande maioria das crianças a quem se aplicou o teste em nossa experiência (90 %) declarou imoral a situação. Quer dizer: isto comprova que é errônea a apreciação dos adultos.

A situação n.º 8 apresentava alguns problemas no sentido de chegar a uma conclusão moral, porém por razões não muito convincentes e que convergiam ao utilitarismo. Por exemplo: Alguns indivíduos respondiam: "Não está bem" porque enquanto há vida há esperanças". Ainda que não haja esperança alguma, o moral é cuidar com o mesmo esmêro ou, se possível, com maior ainda, uma vez que se trata de incuráveis.

Na situação 13 (regime de fome para os velhos), alguns opinaram: "Está mal porque os velhos já trabalharam". Esta razão utilitária não atinge a essência, uma vez que pode haver velhos ou inválidos que jamais trabalharam, e, sem embargo, isto não nos libera da obrigação moral para com êles.

Classificamos êstes juízos como *morais,* quanto a efeito quantitativo da investigação, porém, evidentemente, para o diagnóstico clínico, as respostas podem ter várias significações.

O teste nos apresentou alguns aspectos interessantes para compreender as condutas pessoais. Por exemplo, foi demonstrado, por percentagem elevada de respostas *injustas,* a situação 11 (assistente social que esquece de assinar). Para muitas pessoas, *legal* é sinônimo de *moral.* Ainda que, como afirma Santo Agostinho: "não é lei a que não fôr justa". É evidente que, nisto, tem que se entender o espírito da lei, não a letra. Muitas pessoas com o coeficiente moral alto, infringiram êste princípio na situação 11 e consideraram a assinatura uma

obrigação do regulamento, e, como tal, o diretor tinha razão.

Para que se havia impingido a obrigação de assinar, no regulamento? Naturalmente, para que houvesse uma garantia de que as pessoas deveriam cumprir o horário mínimo. No caso, a assistente social trabalhava não sòmente o obrigatório, porém muito mais que isto. Cumpria bem o espírito do regulamento, ainda que pouca importância desse ao fato de assinar no livro à saída do trabalho. É curioso notar que entre as pessoas examinadas há um número bastante elevado de visitadoras sociais. Apesar disto, muitas não souberam ver com clareza uma situação tão comum entre elas. É também digno de menção que as percentagens mais baixas, de respostas *imorais* (situação 11) foram dadas por doentes esquizofrênicos (23 % das respostas). Já se sabe que êstes doentes têm como sintoma mórbido, muito comum, a rigidez do pensamento, falta de plasticidade do legalismo, etc.

O teste demonstra que o indivíduo não reage do mesmo modo diante de tôdas as injustiças. Na situação n.º 3 (que teve o índice mais alto de moralidade) a injustiça parece mais patente, por ser mais fácil a identificação. Contudo, o mesmo não aconteceu nas situações 1 e 5, onde o índice é muito mais baixo e parece aceitar uma dupla moral, como se nestes casos estivesse ausente a pessoa humana.

RESULTADOS QUANTITATIVOS

O estudo foi realizado com 320 indivíduos distribuídos por sexo, idade e estado de saúde mental, como segue:

Homens normais	85
Mulheres normais	114
Crianças normais (entre 9 e 15 anos)	30
Homens doentes mentais ..	38
Mulheres doentes mentais..	53
Total	320

As pessoas que aplicaram o teste eram profissionais, visitadoras, estudantes de medicina ou psiquiatras, quer dizer, pessoas com interêsses ligados à psicologia. O texto das situações e as instruções sempre foram idênticos para todos os indivíduos, similares a todos os autores franceses.

Em alguns casos, haja vista as crianças e os doentes mentais, as examinadoras explicavam o conteúdo da situação para facilitar a compreensão (já que não se trata de uma prova de inteligência) e, se era necessário, escreviam as respostas.

Os doentes mentais pertencem a hospitais psiquiátricos e o diagnóstico se obtinha das fichas correspondentes. Não era um grupo homogêneo de doentes, se bem que, em sua maioria (43) eram esquizofrênicos. O outro grupo estava constituído por nosologias várias, tais como: epilepsias, psiconeuroses, estados maníacos depressivos, etc.

O grupo das crianças, ainda que reduzido, foi muito selecionado no sentido de conhecimento, assim como o seu ambiente. Isto nos permitiu observações clínicas que, logo, analisaremos em detalhes.

O pessoal foi selecionado, tendo em conta a diversidade normal dos ambientes econômico-sociais. Há pessoas pertencentes a dife-

rentes profissões, ofícios, condições econômicas, etc.

Apesar de que não podemos estar seguros do acaso, por não existir em nosso país uma escala de gradações sociais do tipo Chapin, ou, pelo menos, cremos que conseguimos pessoas de tôdas as culturas e condições sociais.

Seguindo a classificação original de Baruk, estimamos o valor de cada um dos protocolos obtidos e alcançamos o índice de moralidade de Tsedek. Logo, para cada uma das situações, estabelecemos uma percentagem de respostas morais ou imorais. Note-se que nisto diferimos do manual francês. Nós outros dividimos as respostas em dois grupos: RESPOSTAS MORAIS E IMORAIS. As imorais incluíam as respostas que pertenciam ao tipo das injustas, utilitárias, duplo juízo e comprovação do fato. No índice de Tsedek, segundo os autores franceses, não levaram em conta as perguntas incompreendidas. Nós seguimos êste mesmo critério.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Tal como se vê no quadro n.º 1, para homens e mulheres normais, as situações que têm percentagem de moralidade mais alto são 1, 3, 7 e 9.

QUADRO N.º 1

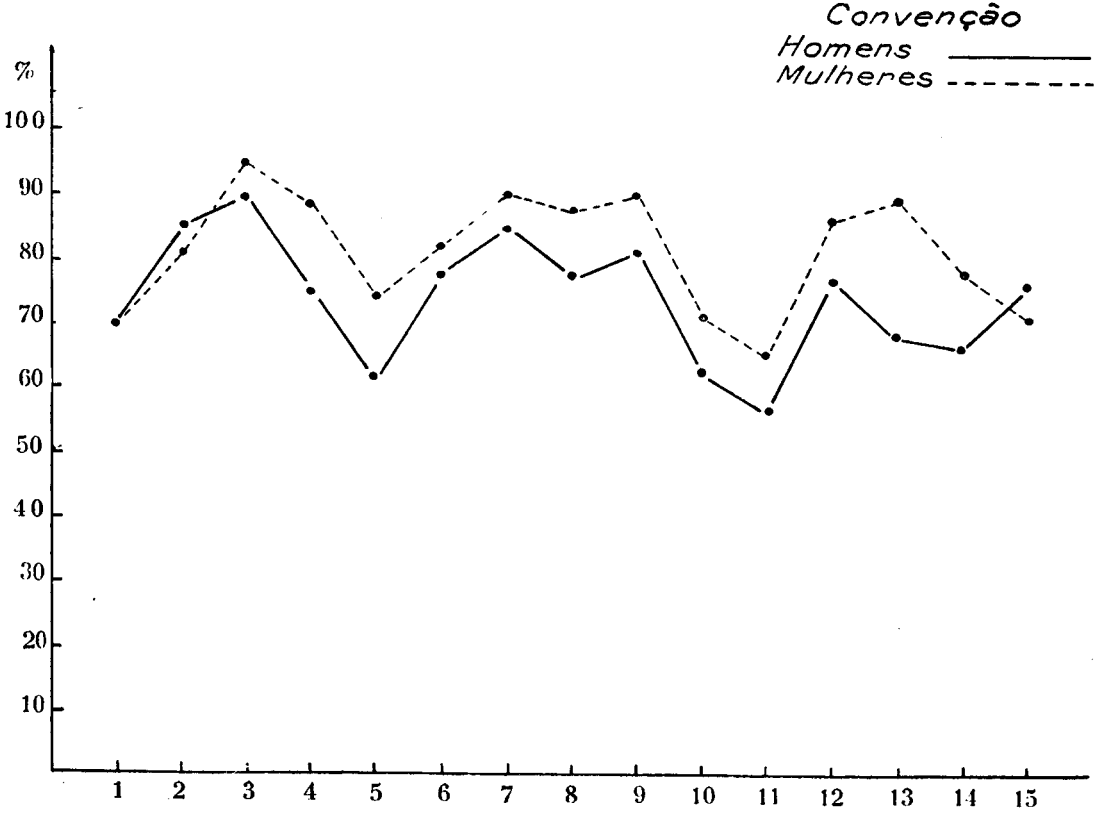
SITUAÇÃO N.º	RESPOSTAS MORAIS		RESPOSTAS IMORAIS	
	Valor absoluto	*Valor relativo*	*Valor absoluto*	*Valor relativo*
1	161	70%	67	30%
2	192	83	36	17
3	214	93	14	7
4	194	82	34	18
5	159	68	59	32
6	183	80	45	20
7	210	87	26	13
8	194	83	34	17
9	210	90	18	10
10	157	67	71	33
11	142	60	86	40
12	190	82	38	18
13	177	79	51	21
14	170	73	58	27
15	169	74	59	26

O número total de indivíduos era de 226.

É evidente o fato de que a percentagem mais alta das respostas 3, 7 e 9 tem diversas razões. A situação 3 (empregado que é sacrificado por maledicência) é muito freqüente e fácil de compreender. A resposta 7 é uma injustiça muito clara e está muito prêsa a convencionalismos e a educação. A resposta 9 está evidentemente ligada aos instintos primários que conservamos, apesar de tôdas as circunstâncias.

Se compararmos nossos resultados com os obtidos na França, podemos estabelecer o quadro n.º 2.

GRÁFICO N.º 1



Comprovação das percentagens de respostas morais para cada situação

QUADRO N.º 2

204 indivíduos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
franceses	76	85	88	78	71	81	78	69	86	67	79	74	71	73	51%

PERCENTAGEM OBTIDA PARA CADA SITUAÇÃO
(Na experiência argentina respostas morais, na francesa, segundo Bachet, respostas desaprováveis que consideramos equivalentes)

SITUAÇÃO N.º 1 288 sujeitos		2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
argentinos	70	83	93	82	68	80	87	83	90	73	60	82	79	73	74%

Neste quadro, podemos observar que 9 das 15 situações dão uma percentagem mais alta de respostas normais, na Argentina, não acontecendo o mesmo na França. Sem embargo, a diferença mais acentuada se faz notar nas perguntas 8 e 15. Acreditamos que isto tem sua explicação no fato de que o teste de Tsedek foi aplicado na França em 1948, quer dizer, em uma época de pos-guerra. Como é por demais sabido, o pos-guerra significa sempre uma grande queda no nível de moralidade da população, pela convulsão social que representa o resultado das conseqüências de racionamento, escassez de meios, afluência de refugiados, perseguições políticas, etc.

Em favor dos examinados franceses, está a situação n.º 11 para a qual a população argentina parece não saber estabelecer, devidamente, a diferença entre o *formal*, que representa assinar um livro, e o *real*, que é o espírito do regulamento.

Os resultados comparados com os dois sexos podem-se observar no quadro n.º 3 e no gráfico n.º 1. Das 15 situações, há 11 em que as mulheres dão uma percentagem muito mais alta de moralidade. Êste resultado, parece-nos, está de acôrdo com a modalidade feminina que elege a si mesma conservadora de princípios morais e é através dos tempos, a que com seu esfôrço, tem como norma uma atitude de generosidade humana.

Repete-se freqüentemente que o sofrimento enobrece as almas. Nós, em forma intensiva, comprovamos, em nossa experiência, que os protocolos dos pais de crianças doentes (especialmente paralíticos cerebrais, epilepsia, problemas de retardamento mental ou de conduta) tinham um índice Tsedek muito mais alto.

A análise de 37 casos resultou, como indicam o quadro n.º 4 e o gráfico n.º 2 que tôdas as situações eram 1 ou duas unidades mais alto, ao coeficiente de moralidade que na população em geral. Convém notar que os pais freqüentaram pela primeira vez uma policlínica para a consulta de seus filhos, de modo que a educação social inculcada, geralmente, não podia ser um fator importante aos pais em largos anos de tratamento, porém o fruto direto de sua experiência com a dor. Poderíamos levar em conta, aqui, a

QUADRO N.º 3

COMPROVAÇÃO DOS RESULTADOS PARA HOMENS E MULHERES

Percentagem de respostas morais e imorais para cada situação)

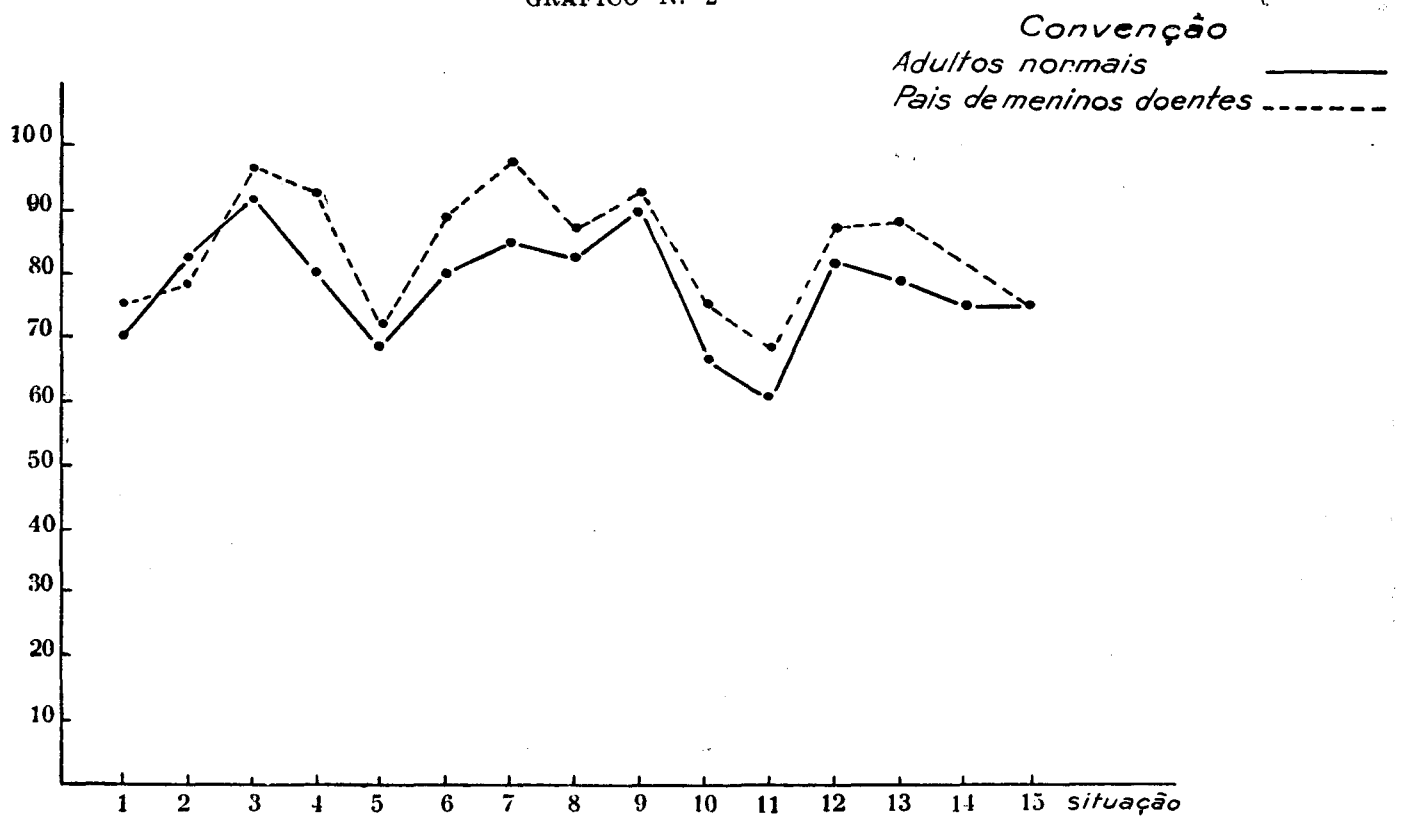
SITUAÇÃO N.º	*R. morais*	*R. imorais*	*R. morais*	*R. imorais*
	HOMENS		MULHERES	
1	70%	30%	70%	30%
2	85	15	82	18
3	91	9	95	5
4	75	25	90	10
5	62	38	74	26
6	78	22	82	18
7	85	15	90	10
8	78	22	88	12
9	81	9	90	10
10	63	37	71	29
11	56	44	65	35
12	78	22	86	14
13	69	31	89	11
14	67	33	79	21
15	76	24	72	28

QUADRO N.º 4

PERCENTAGEM DE RESPOSTAS MORAIS E IMORAIS DOS PAIS DE CRIANÇAS DOENTES

SITUAÇÃO N.º	*R. morais*	*R. imorais*
1	76%	24%
2	78	22
3	97	3
4	92	8
5	73	27
6	39	11
7	97	3
8	86	14
9	93	7
10	76	24
11	68	32
12	89	11
13	89	11
14	75	25
15	76	24

GRÁFICO N.º 2



Comprovação das percentagens de respostas morais para cada situação entre adultos normais e pais de meninos doentes

frase de Pearl Buck que sofreu, ela mesma, o problema de uma filha retardada: "Há uma alquimia com o infortúnio que pode ser transmudada em sabedoria e, por sua vez, trazer felicidade". Já os antigos filósofos assinalaram que sòmente o caminho da virtude pode conduzir à felicidade.

Outra das hipóteses de trabalho em que Baruk insiste é a diferença de conduta diante dêste teste de doentes mentais (especialmente de alguns esquizofrênicos) dos normais. Segundo Baruk, o estudo de doentes mentais, particularmente os esquizofrênicos, demonstra que o juízo moral está menos relacionado com as funções mentais em si (memória, inteligência, etc.) que com o bom funcionamento da síntese mental e da unidade da personalidade. A desagregação esquizofrênica tem como uma das conseqüências mais importantes a dissociação entre o sentimento e a razão. Esta falta de sentimentos e, portanto, de simpatia pelos que sofrem, constitui fator importante na anulação do juízo moral. Porém, o mais importante, segundo Baruk, é que "há no esquizofrênico uma impotência para conciliar os múltiplos dados de um problema... à miúdo, toma em consideração um só fator e sacrifica todos os demais. Êste sacrifício provém não só de sua indiferença, mas, sobretudo, de sua falta de poder de síntese. E, é esta incapacidade que o faz deter-se em soluções parciais, na maioria das vêzes egoísta" (3 página 32).

Em nossas experiências foi-nos possível obter os exames de 91 doentes mentais, entre os quais havia 43 esquizofrênicos. O que chama mais atenção, nos protocolos de doentes mentais em geral, é o grande número de respostas em que não foi compreendido o problema da situação, ou, pelo menos, êles não são capazes de sintetizar uma resposta compreensível. (Observe-se a semelhança de respostas incompreensíveis com as absurdas de Rorschach, ou com as originais que são F— nos esquizofrênicos). Diante dêste fato, com tais protocolos, decidimos valorizar as respostas morais, dividindo-as em dois grupos: um dos imorais, composta de respostas injustas, utilitárias, comprovação do fato e duplo juízo; e outro das perguntas incompreendidas. Os quadros 5 e 6 dão-nos os valores para os doentes mentais em conjunto, e, separadamente, dos esquizofrênicos.

Se considerarmos os índices de moralidade de certos indivíduos com os normais, evidentemente, as percentagens são, em tôdas as situações, bem menores, quase 20 %. Porém, se compararmos o índice de imoralidade, vemos que é quase o mesmo que os normais. Em realidade, o que baixa o índice de moralidade são as perguntas incompreendidas. Isto não parecia comprovar o que Baruk defende. Decidimos fazer uma contraprova; quer dizer, fazer uma comprovação entre os índices de Tsedek (individualmente considerados) dos normais e dos doentes mentais. Depois de agrupar devidamente os índices, resultava a seguinte tabela em valores absolutos e relativos, permite confirmar os dados de Baruk.

Em forma convencional, dividimos os indivíduos como de índice *moral alto* (C. Tsedek 15 a 12/3). índice *moral médio* (C. T. 11/4

QUADRO N.º 5

DOENTES MENTAIS SEM DISTINÇÃO (Total 91)

SITUAÇÃO N.º	*R. morais*	*R. imorais*	*P. incompreendidas*
1	50%	31%	19%
2	59	19	32
3	70	8	22
4	62	15	23
5	48	30	32
6	41	37	22
7	61	15	24
8	56	22	22
9	72	9	19
10	48	30	22
11	35	44	21
12	56	25	19
13	63	18	19
14	67	12	21
15	52	27	21

QUADRO N.º 6

DOENTES ESQUIZOFRÊNICOS (Total 43 casos)

SITUAÇÃO N.º	*R. morais*	*R. imorais*	*R. incompreendidas*
1	53%	21%	26%
2	54	21	35
3	58	9	33
4	51	16	33
5	32	35	33
6	32	33	35
7	53	12	35
8	46	18	35
9	58	9	33
10	37	28	35
11	23	49	29
12	44	23	33
13	48	33	14
14	56	14	30
15	40	30	30

a 8/7) e índice *moral baixo* (C. T. menos de 7/8).

O seguinte quadro n.º 7 expressa numericamente o resultado no qual 61 % dos adultos normais são de moralidade alta, enquanto que sòmente 31 % dos doentes mentais alcançaram êste nível. No mesmo quadro 7, temos os resultados obtidos com 30 crianças nossas, de 9 a 15 anos de idade, que tiveram o índice surpreendentemente semelhante aos dos adultos normais. Isto vem demonstrar, mais uma vez, a influência decisiva do lar sôbre as crianças.

QUADRO N.º 7

QUADRO COMPARATIVO ENTRE A POPULAÇÃO ADULTA NORMAL, DOENTES MENTAIS E CRIANÇAS

	SÃOS		DOENTES MENTAIS		CRIANÇAS	
	V. absol.	*V. relat.*	*V. absol.*	*V. relat.*	*V. absol.*	*V. relat.*
C. Tsedek *alto* 15 a 12/3	148	64%	29	31%	19	63%
C. Tsedek *médio* (11) 4 a 8/7	62	27%	33	38%	8	27%
C. Tsedek menos de 7/8	19	9%	29	31%	3	10%
Total	228		91		30	

EXEMPLOS ILUSTRATIVOS

Prosseguindo, apresentamos exemplos de protocolos selecionados especialmente para maior ilustração do valor que tem o teste "Tsedek" como técnica útil, em psicologia clínica.

Os casos 1 e 2 exemplificam as respostas de duas pessoas sem consciência. Tsedek máximo. É digno de nota que, no número 1, os juízos são, sobretudo, afetivos, ainda que também cheguem a conclusões sintéticas.

No n.º 2, ao contrário, as respostas são menos espontâneas e mais elaboradas. É curioso, a semelhança de raciocínio, tratando-se de pessoas de formação religiosa completamente diferente. Em ambos os casos, a conduta pessoal, familiar e social, confirma o alto índice de moralidade achado em Tsedek.

CASO N.º 1

N.N. Argentina. 28 anos. Educadora e foniatra.

1 — Que é uma barbaridade. É preferível que estejam mil culpados livres que um inocente castigado. J.M. (S)

2 — Que não. É inconcebível em criaturas normais. Se não há uma certeza, o exemplo que se pretende dar será francamente desalentador. J.M. (S)

3 — Que é um bajulador e um covarde. J.M. (A)

4 — Que não é digno nem decente. Deve-se subir por seus próprios méritos, sem caluniar o adversário. J.M. (S)

5 — É pouco leal. O correto era adverti-lo. J.M. (S)

6 — Creio que quando um ser humano sofre, o menos que se pode fazer por êle é aliviar a sua dor. Apesar disso devem-se respeitar as restrições, por solidariedade, era justificada a infração. J.M. (S)

7 — É um cretino e um desumano. Não compreendo como alguém possa vingar-se. J.M. (A)

8 — Claro que os que têm possibilidade necessitam de muita atenção. Quem não as tem, porém, deve ter, ao menos, a sensação de não estar abandonado e que todos envidam recursos para salvá-lo. J.M. (S)

9 — Não explico sequer como lhe ocorreu esta situação. Não cabia ao filho julgar a mãe. J.M. (A)

10 — Que a insegurança e o mêdo à zombaria são produto de uma educação deficiente do lar e da escola. As crianças têm bons sentimentos. Devemos ensinar-lhes que tenham a ombridade de expressá-los em tôdas as formas. J.M. (A)

11 — O "Diretor" é sòmente um "diretor". Seria melhor que fôsse menos funcionário e valorizasse melhor o trabalho de sua colaboradora. J.M. (A)

12 — É mau pedagogo e um pedante. A boa fama de sua escola dependerá do trabalho que tiver com cada um dos seus alunos. J.M. (A)

13 — Respondida como a 8.ª. J.M. (S)

14 — Que é um porco. — J.M. (A)

15 — Que significa nativo e estrangeiro? São homens e, como tal, iguais na necessidade. — J.M. (S)

C.T. 15

CASO Nº 2

N. N. Argentina. 35 anos. Professôra de filosofia.

1 — É injusto. É preferível que o culpado fique impune a ser o inocente castigado. J.M. (S)

2 — É injusto. Não é lícito castigar alguém sem que haja uma certeza plena de sua culpabilidade. J.M. (S)

3 — É vil. Não há direito de prejudicar um 3.º, para se obter o que se deseja. J.M. (A)

4 — É uma baixeza. Deve-se atingir o triunfo honradamente, sob as bases de seus próprios méritos e nunca sob o desprestígio do opositor. J.M. (S)

5 — Devia primeiro falar ao coronel e procurar que se corrija. J.M. (S)

6 — O castigo seria excessivo, ainda que existisse uma falta (o que não é o caso), considerando as condições em que se encontrava a jovem.

7 — É uma falta de caridade e um ato indigno, como tôda vingança. J.M. (S)

8 — É uma falta contra a justiça e a caridade. Todos têm o mesmo direito de ser atendido,

pois todos têm o mesmo valor como pessoa. J.M. (S)

9 — O jovem falta à piedade filial. Seu dever não é julgar a mãe e, sim, socorrê-la pessoalmente. J.M. (S)

10 — São uns covardes. Deve-se socorrer aos fracos, ainda que corramos riscos. J.M. (S)

11 — Que está mais atento à "letra" que ao espírito do regulamento. J.M. (S)

12 — É injusto e ineficaz. Os bons não são devidamente estimulados e os maus consideram inútil qualquer esfôrço. J.M. (S)

13 — É injusto. Acima do valor utilitário está o valor que tem como pessoa humana. J.M. (S)

14 — É um critério inteiramente materialista e utilitário. O comércio também tem uma função social que deve cumprir. J.M. (S)

15 — É injusto. Todos são seres humanos e todos devem ter os mesmos direitos aos meios de subsistência. J.M. (S)

O exemplo n.º 3 foi obtido de uma empregada de casa de família, de 27 anos, conduta aparentemente normal, que é um exemplo típico de imoralidade encoberta em lugares comuns, como "o direito do mais forte", conveniência econômica. Relatamos para demonstrar o valor discriminativo individual que tem o "Tsedek" ainda que em se tratando de pessoas normais.

CASO N.º 3

1 — Está bem, porque se não se encontra o culpado, há que castigar. J.I.

2 — Está bem, porque por alguma coisa suspeitam dêle. J.I.

3 — Está bem. Para que foi tolo e deixou se levar por engodos? J.I.

4 — Todos os meios são bons para se vencer na guerra como no amor. J.I.

5 — Está bem. Não há de ser tão bobo de dizer ao coronel para que o mesmo o imponha a expediente extra. J.I.

6 — Ah! não. Querem que ela passe frio? É jovem, está doente, tenta experimentar a eletricidade. J.M.

7 — Que rebentem. Está bem. J.I.

8 — Se quase não consegue para os que têm cura, para que pensar nos incuráveis? J.U.

9 — E... devia se ver o riso que a mãe lhe fêz... J.I.

10 — Devia fazer frente à situação e nada esperar dos outros. Cada um se arranje como pode. C. do fato.

11 — Idiota. Quem a mandou trabalhar demais?... O que tem a fazer é cumprir o regulamento, para que não tenham nada a reclamar-lhe. J.I.

12 — Mal. Isto também se passou comigo. Sabia. Os outros que não sabiam passaram melhor. J.M.

13 — E... é claro. Êste mundo é dos mais fortes. De que vale alimentar e se preocupar com o mais fraco, se *em difinito*, não agüentá-lo até o fim? J.I.

14 — E... que querem de um comerciante? Que seja filantropo? Quando estiver necessitado, o pobre vai dar-lhe alguma coisa? J.I.

15 — Está bem. Êles só servem para complicar as coisas. J.I.

$$\text{C.T.} \quad \frac{\text{2 J.M.}}{\text{10 J.I. 2 C.F. 1 J.U.}} \quad 2/13$$

No exemplo n.º 4, vê-se novamente o caso de uma pessoa normal, comerciante que projeta cla-

ramente sua agressividade pelo conflito que traz o teste na resposta irônica da solução 14.

CASO N.º 4

N. N. Espanhol. 46 anos. Comerciante. Nível de cultura alto.

1 — Se eu fôsse o chefe, talvez fizesse o mesmo por disciplina. Como espectador, não estou de acôrdo. D.J.

2 — Apesar de ser um caso semelhante ao anterior, difere por se tratar de um civil. Eu não o puniria, por tratar-se apenas de suspeitos e de maneira vaga. J.M. (A)

3 — Eu não lhe daria o pôsto. J.M.

4 — Trata-se da pior política. Estamos acostumados a condutas piores em matéria eleitoral. O indivíduo é, evidentemente, um porco. J.M. (S)

5 — Não se pode contestar honestamente, sem saber de que falta se trata. Evidentemente, se não se trata de algo contra a Pátria, o capitão seria além de capitão um senhor se observasse respeitosamente a seu superior. D.J.

6 — Acho uma sanção estúpida. Da mesma maneira considero tôdas as sanções que, em geral, se referem a intimidade das pessoas. J.M. (A)

7 — Que não demonstra ter razão diante do seu inimigo. J.M. (S)

8 — Que é um vil. J.M. (S)

9 — Que não é um homem e sim um cretino. J.M. (A)

10 — Considera que tais companheiros são dignos de pena, por serem pusilânimes.

11 — Que é um perfeito modêlo da administração moderna e burocrática. C.F.

13 — Que é um ladino que vai progredir. (C. fato)

14 — O comércio é alguma coisa mais importante do que pensam os elaboradores de testes psicológicos. J.I.

15 — Que é asqueroso. J.M. (A)

$$\text{C.T.} \quad \frac{9\ \text{M.}}{1\ \text{J.I.}\ 2\ \text{D.J.}\ 3\ \text{C.F.}} \quad 9/6$$

CASO N.º 5

O exemplo n.º 5 é típico de um menino de 13 anos. Observe-se a reação na situação 10.

1 — Bem. Para que apareça o culpado. J.I.

2 — Tem que se dar um exemplo. J.I.

3 — Mal. Tirar de outro aquilo que lhe pertence. J.M.

4 — Mal. J.M.

5 — Deveria ir ao superior por dever de hierarquia. (C. fato)

6 — Muito mal. Todo doente tem direito a cuidados. J.M. (S)

7 — Mal. Perdoar é esquecer. Se não esqueceu, não perdoou. Não devemos viver com ódio em nossos corações. J.M. (S)

8 — Horrível. Péssimo. — J.M. (A)

9 — Covarde, indigno, mau filho, mau homem, má pessoa. — J.M. (A)

10 — Covardes. E... quantos existem assim, que agem sempre desta forma. Covardes, que lhes importa as zombarias se se trata de uma pessoa fraca. J.M. (A)

11 — Muito mal. Vale um estímulo para o trabalho e depois dizem que se recompensa o mérito. J.M. (S)

12 — Muito mal professor, pois prejudica a todos. Aos bons, desmoraliza-os, e, aos maus, leva-os pela vereda do mais fácil do que podem alcançar. J.M. (S)

13 — Como se pode proceder desta maneira se somos todos irmãos? J.M. (A)

14 — Muito mal, pois se trata de mercadorias de primeira necessidade. Poderia, talvez, aceitar-se se se tratasse de obras de arte, jóias, etc. J.M. (S)

15 — Criminosos. J.M. (S)

$$\text{C.T.} \frac{\text{12 Morais}}{\text{2 J.I. 1 C. fato}} 12/3$$

Trata-se de uma menina que, apesar da tenra idade (13 anos), órfã de mãe há alguns anos, criou-se entre familiares maiores e doentes crônicos. Tem uma sólida formação religiosa. Caracteriològicamente é uma menina um tanto sofisticada com a mentalidade de adulto.

Entre os doentes mentais, selecionamos o exemplo n.º 6 de uma *depressão* que confirma as afirmativas de tantos psiquiatras que consideram a existência nestes doentes um excesso de autocrítica, sentimento de culpa e estreiteza no juízo valorativo.

CASO Nº 6

N. N. Argentina. 37 anos. Operária. Síndrome depressiva.

1 — Mal. Se não sabe quem é o culpado, como vai castigar? É uma medida injusta. J.M.

2 — Mal, Porque a suspeita é vaga. Não é tão seguro de que êle seja o culpado. J.M.

3 — Muito mal procedimento, porque o molestam intencionalmente, para que êle abandone o pôsto. J.M.

4 — Está mal. Não deve inventar calúnias. Deve apresentar jôgo franco e tentar a vitória por seus próprios méritos. J.M.

5 — Está mal, porque deveria dizer-lhe primeiro. J.M.

6 — Está mal. Em primeiro lugar não roubou e depois é doente e necessita para a sua saúde.

7 — Está mal. Por dever de humanidade, deveria atendê-lo.

8 — Está mal. Por dever de humanidade, devemos atender bem aos incuráveis.

9 — Está mal. É muito mau filho. Ela agiu desta maneira, devido a encontrar-se em depressão moral. Pode ser o mesmo que eu tenho. Eu sofro uma depressão...

10 — Se queriam ajudá-lo, bem que poderiam fazê-lo. "A união faz a fôrça". C.F.

11 — Está mal, porque ela se consagra muito a seu trabalho e não mede o tempo. O diretor agiu mal. Se ela não se fixa a êste detalhe, o diretor não deveria fixar-se. J.M.

12 — Está mal. Os bons alunos deveriam passar, enquanto os outros deveriam repetir. J.M.

13 — Está mal, porque os velhos, na sua juventude, também trabalharam. É justo dar-lhes, agora, o que merecem. J.M.

14 — Está mal. O dinheiro do pobre vale tanto quanto o do rico. J.M.

15 — Está mal, porque os estrangeiros povoam o país. J.M.

$$\text{C.T.} \frac{\text{14 J.M.}}{\text{1 C.F.}} 14/1$$

Os exemplos 7, 8 e 9 foram de três doentes esquizofrênicos, em etapas diferentes na evolução de sua enfermidade.

O caso 7, como se pode observar, conserva a lucidez, apesar de que o C.T. é bastante baixo (6/9). Os casos 8 e 9 têm uma alta percentagem de respostas incom-

preendidas, devido a sua alta desintegração de pensamento.

Os três casos pertencem a idade, sexo e cultura semelhantes.

CASO N.º 7

1 — Não é eqüitativo. Vão ser culpadas pessoas que nada têm que ver com o delito. J.M. (S)

2 — Não há lógica. Está no ar. Ninguém tem certeza. J.M.

3 — Pode-se criar um novo emprêgo. Tôdas estas coisas são intencionais. É muito subjetivo. C.F.

4 — O fim justifica o meio. Está mal. Porém tudo é humano. D.J.

5 — Não conheço o código da justiça militar. Isto já deve estar previsto. C.F.

6 — Em caso de necessidade, anular-se-á a pena. Um juiz francês disse algo revolucionário. Julgou de acôrdo com a lei, porém em seu espírito. J.M.

7 — Se é cristão não se vinga Espera a justiça dos tribunais e espera, sobretudo, a de Deus. C.F.

8 — Por que razão? Depende do médico. Eu lhes abriria a porta para que saíssem voando.

9 — É uma questão de consciência. Se considera que é sua mãe por um ato cristão, procura vê-la e a consola. Se é humanitário e cristão a perdoa. D.J.

10 — Isso é infantil. Os companheiros sempre se ajudam mùtuamente.

11 — Não premia sua dedicação e responsabilidade. Toma seu trabalho muito a peito. C.F.

12 — Sempre que se trata de melhorar alguma coisa, é digno de encômios. J.I.

13 — O conecito cristão é de bondade com o próximo. O mais justo é dar a todos por igual. J.M.

14 — Um comerciante não é um filantropo. Seu fim é o lucro. Isso está no seu critério. "A ocasião faz o ladrão". Eu não sou de prejudicar ninguém. D.J.

15 — Está bem, porque o nativo deve ter prioridade. J.I.

$$\text{C.T.} \ \frac{4 \text{ J.M.}}{6 \text{ C.F. } 3 \text{ D.J. } 2 \text{ J.I.}} \ 4/11$$

CASO Nº 8

1 — Para mim, fê-lo por incapacidade. Completa incapacidade. Falta-lhe capacidade para guardá-lo, porque se a tem, capacidade ou natureza para cultivá-la. Se tivesse cofre, não havia feito tampouco. P.I.

2 — E... aí parece-me que a solução é como as primeiras letras. P.I.

3 — Os dois podem ocupar o mesmo pôsto, pois dentro do mundo pode haver um emprêgo porque se fazem as guerras. P.I.

4 — Que em carreiras de primeiras letras o mundo não é um país e em lugar do campo político sair ileso sem ser deslocado. P.I.

5 — A vida de um coronel depende da dona de casa que vive na terra e a dona da casa é quem deve dizer. Lei do mar e da terra. Dona de casa e patrão, patrão de bordo. Todos viviam a mesma vida e se quer negar tudo, viver de terra e o trabalho, a água e a terra se ajudam. P.I.

6 — Mãe tipo inglêsa, da ausência da política... alguém se junta e saberá defender-se. P.I.

7 — A vergonha conclui em animais de um zoológico. Falta-lhe a pele... Em verdade, tra-

tam sòmente de matarem-se, sem se darem conta de que, assim procedendo, convertem-se em animais. (J.M. Porque a doente explicou que a vingança estava injustificada, uma vez que convertia os homens em animais.)

8 — E... me parece doente incurável... Lei de burro... e o curável máquina daqui, lei de necessidade argentina, lei do incurável não existe na lei do professor ao máximo, o professor de estudo e o ajudante... enfermeiro... ação da dor do solicitante negativo que se nega a si próprio... estudo como cadáver... entrar na sepultura... trabalho de burro. P.I.

9 — Nega-se a responder. P.I.

10 — É a contrariedade dos polos comparativos, negativos ou positivos e em meio de ramos de estudo o professor o deslizamento de um e de outro... Lei de crime e soldado. P.I.

11 — Que é a lição filha do mundo a que lhe falta para suprimir, falta de ruína de tudo, defende-se o que lhe impõe o mundo que ela exerce. P.I.

12 — Recusa-se a responder.

13 — A lei da Argentina, lei do mundo e de obra e de alguma coisa de extraordinário em cada estrangeiro. Leis de dieta. Doença... Lei de medicina, lei de química. Lei de química, terra estrangeira, lei química para que não tenha solução aos que precisam de proteção. P.I.

14 — Trabalho tenha diploma... o filho cotiza forte sem que nada tenha. O mundo ao indivíduo estudado, desfazer logo trabalhadores e de facilidade. P.I.

15 — Que conforma, pode ser a um tempo para que não engorde por tempo já longe de descer o equilíbrio metido bom para engordar. P.I.

C.T. — 1 J.M. 14 P.I.

CASO N.º 9

N. N. 33 anos. Argentina. Contadora pública. Muito agressiva.

1 — Mal feito. Não se deve castigar aquêle que não praticou o mal. Deveria fazer-se no momento do ato. J.M.

2 — Sem ter prova, não se prova. J.M.

3 — Má ação. J.M.

4 — Mal, porque vencem por engano e demais... devem elevar a sua cultura. J.M.

5 — Mal, porque o capitão deve vencer por seus meios. J.M.

6 — A sanção foi justa, porque estava proibido o uso das estufas e... que use ar môrno. J.I.

7 — Sempre que se entregue o cadáver, ao doente, ao lugar, porém avisa a autoridade, se o deixa, por mais inimigo que seja, por química tem que entregar ao cadáver. P.I.

8 — Os incuráveis dependem de cemitério, tem que fazer a congelação do cadáver. Em química sempre há possibilidade. Por que abandoná-los? P.I.

9 — A doente devolveu o cartão depois de o haver lido, sem responder coisa alguma. Porém depois de ver o cartão n.º 10, respondeu o seguinte, referindo-se à situação 9:

Muito bem, porque, depois do delito, tem que perder a identidade. Êle pode negar a sua mãe. Por que visitá-la? A delinqüência sempre diminui. Está em seu direito não reconhecê-la. J.I. (Sabemos por seu médico assistente que quando a mãe desta doente a visita, ela a ataca agressivamente e

isto é o que a impede de estar em ambiente familiar.)

10 — Tampouco esta criatura... a professôra o afasta do meio e impede as zombarias. C.F.

11 — Suspende-a... porém, dão-lhe repouso. O mesmo acontece quando alguém fica sem emprêgo. Repousa. Êstes esquecimentos não deveriam existir. Não vão morrer pela falta cometida pela assistente social. D.J.

12 — Você sabe que tem que apresentar trabalhos práticos em diversos institutos, diversos organismos e é um conceito rápido porque tem que passar por outros exames, para que tenha boa fama; se... porque não é legal nem comercial... eu canalizar a vida dos que devem fazer. P.I.

13 — Não... não o alimento igualmente para todos e quando dizem química que começa a congelação do cadáver não se pode mortificar o indivíduo. P.I.

14 — Não... não pode fazer, ao contrário o que pode dar-lhe é um contra-reembôlso, papel-moeda, cheques, o oficial que o serve. P.I.

15 — Os estrangeiros têm a comida do Cônsul que tem muitas melhoras. Sim, porque êles têm trâmites de exportação e, pela lei de importação, êles sempre conseguem mais... estão mais favorecidos, terrìvelmente... e... teríamos que ver porque êles estão favoreceidos? P.I.

4 J.M.

C.T. ——————— 4/4 P.I. 7

2 J.I. 1 C.F. 1 D.J.

CONCLUSÕES GERAIS

As conclusões que apontamos aqui têm tão sòmente caráter provisório. É nossa intenção continuar a presente investigação estudando o teste Tsedek em função de outras nosologias patológicas, com crianças, delinqüentes, aleijados, etc. Também estabelecer o seu valor comparativo com outras técnicas projetivas, especialmente as que investigam frustrações (Rosenzweig) nível de aspiração, constituição hereditária (Szondi), etc. Cremos que, em geral, são válidas as afirmações de Baruk. As objeções formuladas ao teste aludindo ao fato de que nem sempre coincide o índice Tsedek com a conduta real, explica-se claramente por se tratar de dois planos diferentes. Em princípio um indivíduo pode saber perfeitamente o que é justo ou injusto, porém pode falhar não no plano do conhecimento, mas da ação. Cremos que o teste permite deduzir que a conduta moral estudada no seu aspecto psicológico é uma para todos e que é um haver muito profundo e arraigado no gênero humano. A conduta do homem nem sempre segue normas morais, por várias razões: influências sociais adversas, doencas mentais, etc.

Do teste, pode-se aproveitar a lição de que são muitos os que têm um sentido ético correto, ainda que não sintam que o valor moral deva ter supremacia na conduta humana. Isto se comprova em muitas de suas respostas porque subordinam a valorização ética a valores menos elevados, como os costumes, a legalidade, os regulamentos, as posições na sociedade, a utilidade econômica, etc. Isto indica que as propagandas, os slogans, os idealismos religiosos, políticos, sociais, etc. (de que é tão pródiga nossa época), pode influenciar no sentido superior da

moral, em espíritos pouco amadurecidos.

No sentido de utilidade prática, cremos que poderiam considerar-se incuraveis da moralidade, aquêles imorais, drásticos pelo egoismo, espirito insocial e desumano. Porém o que existe na zona média é uma série de doentes morais passíveis de melhorar. Entre êles muitos foram sugestionados por slogans, rotina, disciplinas errôneas, etc., e creio que tivessem recebido um ensinamento de sugestão em favor do mais alto valor de categoria ética, seriam pessoas muito úteis. É neste aspecto que nos parece ter sentido a tão "decantada" *educação moral.*

Não estamos de acôrdo com o conceito de Baruk, de que o melhor juízo moral seja *"o sintético"*. Se bem que seja certo que êste é o mais bem elaborado, os *"afetivos"*, sendo espontâneos, representam uma maior segurança. Êstes juízos dão-nos, de modo geral, pessoas que não necessitam de raciocínio para convencer aos outros nem a si próprios, apenas, elas conseguem captar imediatamente por uma espécie de intuição, o sentido do *justo* e do *injusto.*

Resumindo êste trabalho, foram observadas em forma objetiva os seguintes fatos fundamentais:

1 — Que o índice de moralidade obtido empìricamente no teste é tão alto para os adultos como para as crianças.

2 — O índice de moralidade Tsedek é um pouco mais alto nas mulheres que nos homens.

3 — O índice de moralidade Tsedek é muito familiar na França e na Argentina; sendo que pequenas diferenças explicáveis em função do momento político e social em que foi tomado o teste na França.

4 — O índice Tsedek é significativamente mais alto nas pessoas que sofreram grandes dores na vida. (Pais de crianças retardadas, paralíticas, etc.)

5 — O índice Tsedek mantém-se mais alto nos sadios que nos doentes mentais e êstes aumentam extraordinàriamente o número de respostas incompreendidas.

Buenos Aires, 1 de março de 1955.

BIBLIOGRAFIA

1) *Aristóteles* — "La Ética a Nicómaco". Coleção Astral.

2) *Baruk H.* — "La Desorganization de la Personalité". Presses Universitaires de France. — 1953.

3) *Baruk H.* — "La psychiatrie Sinthetique et le problème de la personalité humaine". Psyché, Enero 1948. Paris.

4) *Baruk H., Bachet M.* — "Le test Tsedek". Le jugement moral et la Delinquance. Presses Universitaires de France — 1950.

5) *Baruk H.* — "Le problème Psychologique et Psycopathologique de l'antisemitism". Bulletin de Psychologie. Deciembre, 1952.

6) *Baruk H.* — "Precis de Psychiatrie" (Clinique Psychopathologique therapeutique). Masson Ed. Paris, 1950.

7) *Buch Pearl S.* — "La niña retardada". Selecciones del Reader's Digest. Janeiro, 1951.

8) *Boyer Carlos.* — S. Agustin. Sus normas de moral. Ed. Excelsa. B. Aires, 1948.

9) *Benedict Ruth.* — "Paterns of culture". Published by Penguin Books. Inc. New York.

10) *Bender Lauretta* — "There is no Substitute for Family". Child Study. Spring, 1946.

11) *Kardiner Abram.* — "The psychological Frontiers of Society" with the collaboration of Ralph Linton, Cora Du Bois and James West. Columbia University Press. New York.

12) *Percheron Maurice.* — "La Psychologie de l'enfant". Ed. Payot. Paris, 1951.

13) *Portabella Duran P.* — "El test Tsedek. Adaptacion española y comentario crítico". Revista de Psiquiatria y Psicologia Médica. Tomo 1. N.º 6. Barcelona, Junio, 1954.

14) *Rolland Romain.* — Jean Christophe. The Modern Library. New York.

15) *S. Thomé,* Suma Teológica. — Tomo VIII. Ley y Gracia. Ed. Club de Lectores. Buenos Aires.

16) *Satre J. P.* — Saint Genet, comedien et martyr (p. 558). Ed. Gallimard, 1952.

17) *Tonnies F.* — Communidad y Sociedad.

SUMMARY

Argentine standardization of the Tsedek Test

The Authoresses present a report on the standardization and some of the results of the administration of the Tsedek Test to an Argentine group.

After giving some explanations on Baruk's Tsedek Test of Moral Judgement, they present a qualitative analysis and quantitative data obtained by the administration of the test to a population of 320 subjects. Some illustrative cases are also reported.

The population sample used was sorted into five sub-groups, as concerning sex, age and mental health diagnosis.

Finally, the Authoresses draw some comments and conclusions on the basis of the collected data:

1 — The obtained moral index is as high for adults as for children.

2 — The Tsedek moral index is higher for women than for men.

3 — Differences between the moral indexes obtained in France and in Argentine are not significant.

4 — The data strongly indicate that the Tsedek index is higher for persons who had some kind of traumatic experience.

5 — The moral index is higher for normal than for neurotic and psychotic subjects.

RESUMÉ

Etalonnage Argentin du Test de Tsedek

Les auteurs présentent un rapport sur l'étalonnage et quelques résultats de l'application du Test Tsedek dans un groupe Argentin.

Après quelques explications du test Tsedek de Baruk sur le jugement moral, les auteurs présentent une analyse qualitative et quantitative des données obtenues de l'application realisée sur 320 sujets. Quelques cas sont cité comme exemples.

L'échantillon de la population fut divisé en 5 sous-groupes, d'après le sexe, l'àge et le diagnostic de santé mentale.

Finalement, les auteurs donnent quelques commentaires et concluent d'après les données obtenues que:

1 — L'index moral obtenu est aussi elevé pour les adultes que pour les enfants.

2 — L'index moral de Tsedek est plus elevé pour les femmes que pour les hommes.

3 — Les différences entre l'index moral en France et en Argentine n'est pas significatif.

4 — Les résultats indiquent fortement que l'index de Tsedek est plus elevé pour les personnes qui ont souffert une expérience traumatisante.

5 — L'index moral est supérieur pour les normaux que pour les sujets neurotiques et psychotiques.